



*À casa
amarela*

VANESSA S.



MIRADA

Fim de tarde. O céu agora é azul claro escurecido. Antes apenas olhava o céu, hoje se atreve a pensar a respeito. É a única imensidão de que gosta. É maior que o mar e sempre esteve aqui, testemunha de tudo. Todo e cada um dos beijos dados por mulheres e homens em mulheres e homens – e em quem não é nenhum dos dois.

Apesar de não lhe ser de hábito beber, é comum que eventualmente a embriaguez lhe domine — quando excitada, quando sonolenta. A linha de raciocínio que lhe faz pensar nisso é desconhecida, é verdade, mas não importa, afinal, é fim de tarde. Na cidade, só é possível ver o céu por entre os fios que alteiam as casas. Asfalto no chão, prédios pichados, fios acima das casas e o luto.

Ela não tem uma história para contar. Seu cambalear destoa da maioria das outras pessoas, mas não de forma que a destaque, de forma que a afaste. Seus ossos tremem imóveis dentro do corpo negro e pálido. A cabeça entre as mãos pesa. Os ouvidos e olhos atentos ao já conhecido nada que lhe acompanha desde a chegada do luto. O corpo imóvel. Pés e olhos fixos ao chão, e atentos a toda ausência de sensação percebida. A crise é chegada.

O anúncio da ansiedade é ruidoso nela. O corpo se curva, fechando-se em si. Ombros mais próximos um do outro. A tentativa intermitente de se concentrar em algo que não a dor das articulações e uma formiga que passa por entre as folhas no chão. As mãos que envolvem a cabeça se contraem, os dedos puxando os cabelos curtos e repetidamente organizados em cachos. A formiga foi embora. Os olhos agora se mantêm fixos, apesar de que sem destino. Um arrepio. Ela está há meia hora tentando ir para casa. Todavia seus pés não parecem estar familiarizados com o caminho, tampouco com a força necessária para que se levante — pelo menos por hora. O corpo se sacode instintivamente para frente e para trás enquanto as mãos, responsáveis pelo trato do sexo de algumas mulheres, se ausentam mecanicamente dos curtos cachos e, juntamente com os trêmulos braços quentes e arrepiados, envolvem o abdômen. Os olhos agora cerrados.

A interrupção do movimento de vai-e-vem é repentina, como de costume. O caminho não é longo e ela precisa da droga. Seu sapato cinza se move. Os ombros e o tronco ainda estreitos e voltados a si. Asfalto, pessoas e vozes, o trânsito — todos desnecessários e coadjuvantes à crise. A casa amarela se aproxima a cada segundo. O pensamento desabitado se mantém. Passos frios e urgentes, de uma forma dormente já familiar. A maçaneta em breve apareceria dentro do campo de visão dos olhos de hiato — ela era baixa o suficiente para ser vista sem que o corpo curvado precisasse se erguer. A chave vem quente à mão fria.

Gira. Abre.

Gira. Tranca.

Ela agora a salvo da exterioridade do mundo e vulnerável ao silêncio da própria mente.

— Você disse que estaria sempre aqui por mim.

Ela treme; o ruído dentro de sua cabeça parece aumentar e ela cede ao chão, sendo seguida pelas lágrimas. Está doendo e, apesar de completamente paralisada, ela parece correr por todo o primeiro dos quatro cômodos da casa.

A lembrança. O tremor. O luto.

— A droga. Você precisa da droga, disse a si mesma.

Ela levanta e se esforça para correr, apesar de ainda cambaleante. A droga tem a mesma cor da casa. A pequena embalagem metálica se rompe ao toque de sua mão. O copo de vidro outrora cheio de água, agora vazio. Seus olhos ainda perdidos estão levantados, ao contrário de sua postura. Ela ainda treme, mas tira a blusa e o tênis. Agora só de moletom cinza e meias pretas e verdes.

O céu pode ser visto pela janela. Ela seminua conversa com a imensidão.

— Ela dizia que você era um livro dos deuses. Eu apenas sorria e a olhava.

O luto do amor é a única imensidão maior que o céu. Este, testemunha absoluta dos crimes de ódio, é omissos — como os deuses não vissem a violência assassina.

A droga começa a fazer efeito. O corpo da mulher gradativamente abdica da retração. O vazio permanece, agora menos frio. Ela imagina o toque daquela que se fora.

Os risos e a vida nos olhos cor de mel daquela que fora seu próprio universo. Aquela que lhe ensinou sobre o céu. A campainha toca e, num sobressalto, ela corre à porta. Neste momento a crise deve se ausentar. Obrigatoriamente.

A chave vem fria à mão quente.

Gira. Abre.

Gira. Tranca.

Mas tudo sempre parece acontecer em segundos.

As mãos outrora paralisadas em si mesmas, antes envoltas ao corpo rígido, agora correm urgentes o corpo da recém-chegada. O movimento de vai-e-vem, o calor. Lábios sedentos percorrendo o corpo de cima a baixo buscam pelos lábios encharcados. Tato e sexo em contato arrancam gemidos do silêncio eterno.

Aos poucos o gozo se anuncia, completamente oposto à dormência que o antecederá. O céu manifesta sua imensidão. Assim também o quarto e o desejo de duas mulheres.

A interrupção do movimento de vai-e-vem é repentina, como de costume. A recém-chegada percorre o corpo-caminho de volta. Sua boca, antes dedicada ao sexo da dona da casa, sobe, chega ao pé do ouvido. Sussurra:

—O céu é um livro escrito em braile. Os deuses são cegos.

Ela acorda ainda só de moletom e meias. O sonho é o mesmo desde que o luto chegara à casa amarela.



Vanessa S. é enxadrista desde muito cedo e Tricampeã Cearense de Xadrez, Estudante de Letras (Português - Inglês) da Universidade Federal do Ceará. Mora em Pacatuba, na região metropolitana de Fortaleza, cidade onde nasceu (1998). Escreve principalmente contos e poemas. Traz consigo palavras que lhe chegam em seus dias, nelas se abriga e por elas é salva.

Curadoria: Argentina Castro

Diagramação e Conceito Visual: Taciana Oliveira

Grafites: C215 (Christian Guémy)



MIRADA